



Brassil Interpreta Compositores da Paraíba 1. Chamber Echo (M. Onofre); 2. Lied (D. Guigue); 3. Polycontinuum (P. Neto); 4. Calidoscópio (A. de Melo); 5. Adriatic mood (J. Ribas); 6. Nouer II (E.-E. Mura); 7. Luas de Intermars (W. Guerreiro); 8. Daedalus (T. Rocha); 9. Perpetuum (L. C. Otávio); 10. Quinteto N.º 1 (R. Borges); 11. Intensificações (J. O. Alves). 12. Burlasca (J. A. Kaplan). Quinteto *Brassil* e músicos convidados (J. H. Martins, piano; D. Bulhões, percussão). Patrocínio Petrobrás / MinC. Apoios UFPB e FUNESC.

Brassil interpreta compositores da Paraíba

Marisa Rezende (UFRJ)

Excelente esta iniciativa do *COMPOMUS* e do *Brassil*, da Universidade Federal da Paraíba, de lançarem um CD que é registro e memória de um trabalho que tem muitas inserções e desdobramentos. A iniciativa, apoiada pela PETROBRAS, permite que essa parceria circule pelo Brasil e pelo mundo, fazendo justiça a um trabalho sério, bonito e que precisa ser conhecido.

O *Brassil* – quinteto de metais, com larga experiência em seu *métier* – e o *COMPOMUS*, Laboratório de Composição Musical que congrega professores e alunos da UFPB, trabalharam juntos neste recorte do repertório, que é, ao mesmo tempo, representativo do potencial dessa formação instrumental e, tão importante quanto, uma mostra competente de obras de diversos compositores. O resultado evidencia a qualidade da interação, possível justamente por se tratar de compositores vivos atuando lado a lado com os instrumentistas: a diferença é notável!

O repertório abarca doze obras, as mais antigas compostas em 1987 e 1988 – respectivamente, *Burlasca*, de J. A. Kaplan, e *Lied*, de Didier Guigue – e as restantes, bem recentes, compostas em 2005

e 2006. Muitas tendências se veem refletidas nestes quase vinte anos de criação, desde pinceladas de algum substrato étnico a uma universalidade quiçá globalizante, desde pensamentos discursivos contrapostos a outros de ordem conceitual. São muitas as intenções, muitas as formas de organização do material musical. Os múltiplos *ethos*, tantos são os indivíduos criadores, respondem pela diversidade, que é uma das grandes qualidades deste CD. Há peças para todos os gostos! E essa diversidade garante a interlocução com ouvintes diferentes, do leigo ao iniciado, como a pluralidade mesma da vida. E uma coisa é certa: as peças são bem escritas, soam bem para o quinteto de metais e suas associações aqui empregadas, o piano e a percussão, presentes em algumas faixas. Não só foram exploradas as texturas de corais homorrítmicos, de melodias acompanhadas, imitativas, como também as que lidam com oposições entre massas, mais ou menos expandidas, todas igualmente efetivas para os metais. Merece destaque o uso criativo e instigante do piano e da percussão. Eles pontuam o discurso, geram interferências, estabelecem diálogo, ficam temporariamente sob



o foco dos refletores, sempre acrescentando cor à sonoridade dos metais de uma forma engenhosa. E esta é mais uma ideia bem-vinda deste CD: o quinteto de metais hospeda muito bem seus visitantes e assume os desafios dessas novas associações!

Muito interessante observar o jogo de forças que pontua o repertório no tocante às projeções das vozes do quinteto. Como uma exceção à sonoridade coesa do grupo, a peça *Nouer II*, de Eli-Eri Moura, apresenta o único duo do CD: trombone e piano. Percebe-se nela uma alternância dos papéis de cada instrumento, por vezes num contexto individualizado, em que cada um tem sua configuração própria, outras vezes numa interação mais simbiótica, como no bonito trecho calmo e *cantabile*. Talvez seja num duo que essas forças se evidenciem de forma mais aguda, mais contundente.

Em *Intensificações*, de J. Orlando Alves, a ideia de interferência organiza o pensamento. No início, o piano contesta os metais; adiante, invertem-se esses papéis, enquanto um jogo de oposições faz contrastar pequenos intervalos a sonoridades expandidas. Já em *Chamber Echo*, de Marcílio Onofre, a escolha é por uma sonoridade quase “orquestral”, colorida por muitos efeitos como *glissando*, *frullato*, surdinas nos metais e *clusters* no piano.

Daedalus, de Ticiano Rocha, explora uma teia de sustentações que evidencia o contraste entre manchas e texturas esparsas evocativas da claridade. E *Perpetuum*, de Luiz Carlos Otávio, contrapõe pares ao *tutti*, em múltiplos trinados, deixando para o final a projeção sobre cada instrumento individualmente.

A escrita idiomática mais característica marca, de forma camerística, *Polycontinuum*, de Paulino Neto, e *Quinteto N.º 1*, de Rogério Borges,

sendo que *Calidoscópio*, de Arimatéia de Melo, surpreende pelos sons inusitados dos bocais desgarrados do corpo dos instrumentos. O elemento rítmico se sobressai, com a atuação da percussão tão bem interpretada por Dennis Bulhões, em *Adriatic Mood*, de Jorge Ribbas, e *Luares de Intermares*, de Wilson Guerreiro, mesmo com a distância entre o Leste Europeu e a praia em Cabedelo, inspirações admitidas pelos autores, que marcam concepções bem distintas para as peças. E Didier Guigue tem a melodia mais pregnante do CD, que nos remete a arcadas mouras e ao som dos *mariachi* mexicanos, com uma interessante harmonização triádica.

Por fim, *Burlesca*, de José Alberto Kaplan, traz para o registro a sonoridade de um quase-concerto para piano e quinteto de metais. O virtuosismo de José Henrique Martins causa impacto e desafia o quinteto a igualmente acompanhá-lo.

E assim chegamos aos homens que deram vida e alma a essas peças. Ayrton Benck, Gláucio Xavier, Cisneiro Andrade, Radegundis Feitosa e Valmir Vieira souberam imprimir a esse repertório mais do que um incrível domínio técnico de seus instrumentos e de suas sonoridades, tão impressionantes nos muitos solos que executaram. As mil proezas que foram incitados a realizar em todos os efeitos utilizados, as passagens com amplas extensões, as súbitas mudanças de intenções, tudo isso atesta sobre a proficiência e a maturidade do grupo, visíveis também na organicidade do conjunto. Mas é da compreensão musical dessa palheta tão vasta de obras recentes, com a tradição ainda por ser firmada, que vem a contribuição maior do Quinteto *Brassil*: seu engajamento confirma a convicção de uma essência do fazer musical, aquela que visa à excelência da interpretação na busca de uma verdade!